CULTURA POPULAR E SENSIBLIDADE ETNOGRÁFICA: VISSUNGOS E CATOPÊS DA COMUNIDADE DE MILHO VERDE, MINAS GERAIS

POPULAR CULTURE AND ETHNOGRAPHIC SENSIBILITY: VISSUNGS AND CATOPES OF THE COMMUNITY OF MILHO VERDE, MINAS GERAIS

Paulo Genestreti [1]

Resumo: Este artigo apresenta uma etnografia acerca das práticas culturais afro-brasileiras da Comunidade de Milho Verde, Minas Gerais. Neste relato etnográfico, apresentamos a cultura popular da região de Diamantina, seus Vissungos e Catopés, suas configurações culturais, expressividades artísticas e simbolismos de uma resistência poética peculiar aos caminhos das minas.
Palavras-chave: Cultura popular; Etnografia; Sensibilidades.

Abstract: This article presents an ethnography about the Afro-Brazilian cultural practices of the Milho Verde Community, Minas Gerais. In this ethnographic account, we present the popular culture of the region of Diamantina, its Vissungos and Catopés, its cultural configurations, artistic expressions and symbolisms of a poetic resistance peculiar to the paths of the mines.
Keywords: Ethnography; Popular culture; Sensitivities.

1 – INTRODUÇÃO

Falar sobre Minas Gerais e suas histórias é sempre um exercício de variadas sensibilidades que ultrapassa os espaços perceptivos daqueles que desconhecem suas peculiaridades. Estive na região de Diamantina no final de 1998 pela primeira vez, a passeio. Ao passar pela cidade do Serro, tive a oportunidade de visitar seu museu, onde uma peça em especial me chamou a atenção: nos fundos da grande casa colonial haviam encontrado uma estatueta de madeira inacabada enterrada no jardim dos fundos, com as marcas das ferramentas ainda visíveis na madeira bruta. Não sabiam quem seria o autor que estava trabalhando na peça sacra com uma idade aproximada de duzentos anos. Na conversa que tive com a pessoa responsável pelo museu na época, fiquei sabendo da festa de Nossa Senhora do Rosário e seus grupos dançantes: "Se você vier para a festa, nunca mais vai se

[1] Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), Brasil. Professor da FACCAMP, Brasil.

esquecer". Guardei a informação com a certeza de que algum dia iria voltar para ser testemunha daquele acontecimento.

Anos mais tarde, em 2006, promovia, como extensão de uma das disciplinas do curso de Comunicação Social em que leciono, sarais culturais com alunos para discutir cinema, temas relacionados à comunicação e poesia. Num destes, externei minha vontade de retornar ao Serro para acompanhar aquela festa. Logo, fui surpreendido pela vontade de seis deles em me acompanhar e registrar o evento com fotografias, desenhos e, quem sabe, a produção de um documentário. Como resultado, após três anos de intenso trabalho, realizamos dois curtas, uma exposição de fotografias, ilustrações e instalações, bem como a participação, com algumas premiações, em diversos festivais de cinema pelo Brasil.

2 – OS CAMINHOS DE MINAS

Sair de São Paulo, tendo a rodovia Fernão Dias como destino, impõe mudanças tanto em paisagens como em sociabilidades. Os postos de combustível, conforme cruzamos a fronteira mineira, tornam-se pontos de trocas de sensações entre os motoristas que deixam a grande cidade em direção ao espigão das montanhas que se avizinham. Em um ambiente despojado das amarras que separam condutores de autos e caminhões, cafés já adoçados, servidos em copos de vidro levemente mergulhados na água quente de estufas metalizadas interrompem a monotonia da jornada longa. Nas altas madrugadas, as claridades fugazes quebram a escuridão opaca da neblina debruçada. Conversas monótonas de frentistas sonolentos são interrompidas, vez ou outra, por sons distantes que alternam o tom, da direita para a esquerda, da esquerda para a direita.

O frio só é mitigado pela bebida quente que nunca é cobrada, uma cortesia daqueles que recebem estas visitas ao sabor do queijo mineiro curado em pedaços. Retomado o caminho, o nascer do sol ardente vai abrindo, aos poucos, os campos do sul mineiro em largas pastagens que se mesclam com culturas de hortaliças e morangos. Cambuí, Pouso Alegre e Três Corações se enfileiram ao sabor das rodas que giram. A contagem, que só se faz aumentar desde a fronteira, é contabilizada no canteiro central que esconde retornos permitidos aos que, talvez, temam enfrentar o asfalto que serpeia por entre as paisagens verdejadas. Caminhões que se espremeram em postos obscuros como caixas amontoadas, aos poucos partem, vagarosamente, espreguiçando-se pela rodovia. Nela, as montanhas de São Gonçalo de Sapucaí serão o martírio para os veículos mais pesados, ultrapassados facilmente pelos veículos leves da faixa que resta. Após Carmópolis de Minas e Itaguara, a reta aponta para Belo Horizonte, que será alcançada após longo declive. Na altura de Contagem e Betim, porém, uma variante à esquerda nos empurra ao caminho de Sete Lagoas, Curvelo e Brasília. Este é o sentido para alcançarmos a cidade do Serro, nosso ponto final. Outras paradas obrigatórias serão necessárias. Nestas, conforme o sol da proximidade de meio-dia abrasa as peças plásticas do automóvel, a culinária das pequenas paradas se alterna em preparos mais condimentados como tutu, feijão

tropeiro e torresmos em profusão, sobre pratos gigantescos que apetecem ávidos viajantes. Daí para frente os caminhos serão mais estreitos, sem acostamentos e solitários.

A paisagem anterior será substituída pelo cerrado um tanto triste e desolado. Pastos de poucos bois que observam calmamente o pequeno movimento de vai e vem dos autos e dos caminhões que por lá se aventuram. Isolados andarilhos, às vezes em pequenos grupos de não mais de três, caminham pela interminável estrada. Negros como o piche que recobre o asfalto, brancos da pele amorenada do sol escaldante, a cavalos ou a pé, ficam curiosos com os que passam, como os bois das fazendas adjacentes. Alguns acenam devagar, sem terem a resposta aferida pela velocidade estonteante dos carros que cruzam. Estes, definitivamente não contabilizam o tempo da mesma maneira que os que se movem pela força de corpos suados destes lados de Minas Gerais, no sentido norte. São distâncias enormes que tornam as paisagens estáticas, em quadros emoldurados pelas borrachas de janelas e vidros transparentes. Os próximos duzentos quilômetros serão de odores de estrume, da coloração pálida, de formatos geométricos com intervenções de setas cortantes, dos sons do vento que dará o ritmo da estrada infinda.

Nos contrafortes dos maciços que se formam à distância, pequenas touceiras verdes se misturam a claras faixas, que por vezes se alargam, aumentando seus tentáculos por entre terrenos acidentados. Uma providencial parada faz com que se notem os aclives e declives castigados pelos milhões de anos de ventos escultores. A rudeza e a rusticidade do solo calejado denotam as agruras vivenciadas por seus primeiros exploradores que tentaram vencer s obstáculos naturais. Destes, no topo da imensidão de rochas escuras, no toque dos ventos que aterrorizam os ouvidos, apenas testemunhamos as mesmas paisagens imóveis e perpetuadas. Pedras de variados tamanhos, arredondadas e em cascalho, fazem nossos pés correrem mais rápidos do que o planejado.

A rudeza dos montes que se espraiam em longos vales, contrastantes com as singelas e pequenas vegetações, dão à geografia um pouco das diferenças que seriam, posteriormente, também observados na vida do lugar. As visões da amplitude, do terreno acidentado, das escarpas, das paredes que escondem formações desafiadoras, das noções de espaço que confundem ao mais incauto e dos odores peculiares, informam o grande divisor que ao mesmo tempo segrega e preserva.

Ao final de um platô arborizado do caminho, a localidade de Gouveia se apresenta. Pequena cidade de artesanato de bonecas feitas de cabaças antecede Juscelino Kubitschek e Datas, duas últimas cidades antes do Serro. Pelo caminho, os isolados andarilhos agora quase sempre negros, espreitam desconfiados os poucos carros que cruzam as fazendas com pastos de verde intenso pelas chuvas recentes. Nos que se fazem notar pelas fisionomias, uns com olhares perdidos e tristes, outros brilhantes e com sorrisos simples, exibem as contradições do povo que lá habita. Na mesma contradição exibida por estes habitantes da zona

rural, Aires Machado destaca a paisagem que enfrenta a rudeza das formações rochosas quando cita:

> "As flores que salpicam estes campos, a perder de vista, são as sempre-vivas a que o povo chama de "campina". Ainda aos olhos do observador mais distraído o efeito dessas florinhas, manchas brancas que ressaltam no matizado verdor que o azul emoldura, afigura-se como a nota específica dessa paisagem única. " (MACHADO FILHO, 1980, p.172).

Azul, verde e branco serão cores predominantes deste ponto para frente. Coincidentemente ou não, esta prevalência de cores será constante nos ambientes de festa somados ao vermelho que aparecerá com força.

Chegamos ao Serro. Do alto da Serra do Espinhaço vencida, casas humildes, castigadas pelo pó da terra vermelha trazidas pelos ventos constantes, aparecem na mesma velocidade com que nos aproximamos. Crianças descalças, velhos dolentes e contemplativos espreitam aqueles que adentram e se retiram, como guardiões de um portal imaginário. Durante todo tempo em que estamos sob seus olhares somos averiguados criteriosamente, talvez quanto a nossa origem, nossas intenções e o que nos leva àquelas plagas. Pequenos comércios em formatos de bares e vendas, escuros no seu interior, derrubam para fora mais pessoas que se aglomeram nas diminutas portas. Mais olhares, velhas bicicletas, veículos antigos abandonados em terrenos vizinhos às casas manchadas, com estruturas remotas e modernizadas por portas e janelas de ferro aqui e acolá. Neste ponto, a ausência inicial de calçadas desafia as pessoas no confronto com os automóveis. Porém, diferentemente do espetáculo da disputa violenta que ocorre nos grandes centros, aqui parece ser algo aceitável, fruto de um acordo negociado de maneira velada: a prioridade será definida pelo olhar quando na contenda. E lá sempre funciona.

Continuamos avançando, engolidos aos poucos por pequenos largos que se transformam em praças, por casas que se projetam atrás das calçadas estreitas que já aparecem. Homens a cavalo e caminhonetes com rodas de barro dominam as ruas que começam a deixar um calçamento de lajotas para se transformar em pedras gigantescas e irregulares. A velocidade será comandada pelos solavancos que impulsionam as rodas no sentido vertical. Ruas, repentinamente se afunilam, tornando o fluxo um tanto confuso. Autos e cavalos tentam disputar espaços por entre fileiras de carros que estacionam desordenadamente. O calçamento das ruas novamente se modifica para pequenas pedras redondas, irregulares como as outras, porém mais dispersas, abrindo grandes falhas e ondulando o horizonte de quem as cruza. Neste caos instalado, a visão de casario colonial nos descortina a região central da cidade. A altura dos edifícios contrasta com os modelos de casas que se apresentaram anteriormente na periferia. Construções de dois pavimentos aparecem com portas estreitas de duas folhas e janelas de parapeitos vigorosos. Estes edifícios se encarregam de dar uma visão desmesurada de seu comprimento pela sequência de portas que se abrem para estreitas calçadas elevadas. As linhas só não se perdem no

infinito porque o movimento urbano impede este encontro.

Vale a pena examinar um pouco do texto de Saint-Hilaire sobre o Serro, em meados do século XIX, conforme citação de Aires Machado:

> "As ruas são pouco numerosas, e, na maioria, calçadas. As principais estendem-se de leste a oeste, paralelamente à base do morro; e cada uma delas acha-se assim traçada, em todo o comprimento, quase no mesmo plano. Só as ruas transversais seguem o declive do morro; tem, porém, pequena extensão. A maioria das casas é caiada, e os portais e caixilhos das janelas são, geralmente, pintados em cinzento imitando mármore. Algumas não tem mais que o rês do chão, outras possuem mais um andar. Na frente essas casas estão no mesmo nível da rua; como, porém, estão construídas em terreno inclinado, foi necessário procurar algum meio de conservar-lhes o nível, e nada se encontrou de mais prático do que apoiá-las pela parte traseira sobre algumas colunas muito elevadas. Do mesmo modo que em todo o resto da província, as telhas são de canal, e os telhados avançam menos sobre a rua que os de Vila Rica. As janelas não são tão aproximadas como no Rio de Janeiro; algumas possuem caixilhos de vidro; outras, em maior número, são simplesmente fechadas por postigos ou gelosias. As casas de sobrado tem pequenos balcões de madeira; em parte alguma, porém, encontrei varandas ou galerias. Cada casa possui um pequeno jardim em que se plantam, sem ordem, bananeiras, mamoeiros, laranjeiras, pés de café, e se cultivam, a mais couves e algumas espécies de cucurbitáceas. Das janelas que se abrem para o campo goza-se de agradável panorama: avistam-se as casas próximas entremeadas de massas espessas de verdura formada pelo arvoredo do jardim; mais além descortina-se o vale estreito que se estende ao pé da cidade e em cujo fundo corre o Quatro Vinténs; do outro lado do vale o olhar repousa em alturas quase que completamente cobertas de mais linda relva; finalmente, nos planos mais distantes algumas moitas de arvoredo se avistam entre os morros. " (MACHADO FILHO, 1980, p. 272).

De fato, muitas das construções e alguns dos detalhes observados neste relato permaneceram inalterados. Quando avistamos a cidade do Serro tendo como referência a praça principal, encaramos uma via estreita, porém de forte fluxo de pessoas e autos que circulam desordenadamente. Estas pessoas mostram, em seus trajes, a simplicidade, a rusticidade e a proximidade em seu relacionamento social. Nas pequenas rodas de conversa, avistamos homens de meia-idade sentados em mesas diminutas de plástico tendo uma garrafa de cerveja e vários copos de vidro como centro. Assuntos variados embalam o tom monocórdico que se altera em algumas inflexões. Poucas são as pessoas que caminham em passos rápidos característicos de centros maiores. A grande maioria experimenta o sabor de um tempo largo em consonância com as melodias explícitas das falas. Neste momento, em um banco sob uma das árvores da estreita Praça João Pinheiro, emoldurada pelos bustos de Teófilo Ottoni e de Floriano Peixoto (que segundo alguns moradores, durante o regime militar, a prefeitura foi obrigada a colocar Floriano em maior altura frente à de Ottoni), nosso motorista,

Paulo Afonso, mineiro de Santana de Pirapama, munido de sua viola, entoa alguns trechos de típicas modas sertanejas. Quase instantaneamente, dois senhores, em seus largos chapéus de abas enroladas, acompanham as canções ditando o ritmo com a ponta de suas botas castigadas pelo barro frequente da região. Embalado pelas canções que emanam em dueto, observamos a igreja de Santa Rita e, à esquerda, a rua principal fazer uma ligeira curva, escondendo seu final pelas dezenas de portas e janelas que diminuem pela distância.

Caminhando por esta mesma rua, notamos no comércio a diversidade e a generalidade de produtos expostos pelas pequenas lojas. Observa-se que aqui o comércio pode, em grande parte, não ser especializado. Lojas que poderiam ser rotuladas como de móveis, exibem alguns eletrodomésticos e outros artigos. No espaço, dois ou três modelos de geladeiras, quatro de fogão somados aos dois microondas dividem a exígua metragem com armários em tons vermelhos, alguns conjuntos de panelas expostos nas próprias embalagens, berços de madeira laqueados em branco e azul e algumas bicicletas. O cheiro da borracha nova dos pneus se mistura aos de plásticos e da madeira envernizada. Os dois vendedores, que se confundem aos poucos com clientes pela falta de padrão na vestimenta, se encontram atrás de armários fechados de vidros que exibem alguns ferros de passar, pequenos aparelhos eletrônicos e outras miudezas. Absorvido pela curiosidade, e após tomar ciência dos preços de alguns produtos, pergunto se por um acaso quisesse escolher outros modelos de eletrodomésticos, como faria. Prontamente, um dos vendedores, munido de um fichário de capa preta desgastada, tamanho ofício, exibe algumas folhas impressas coloridas e em branco e preto, acondicionadas em plásticos leitosos transparentes, com imagens de variados modelos que, quando encomendados, poderão ser solicitados pela loja junto a algum distribuidor regional. Na mesma rua, três únicas agências bancárias, estendem longas filas pelas calçadas. Procuro saber a razão destas e tenho como resposta a dificuldade de utilização, pela grande maioria da clientela, dos serviços dos poucos caixas eletrônicos. Desta maneira, um ou dois funcionários encontram-se constantemente ocupados, tornando assim um tormento para um desavisado, a simples operação de sacar uma quantia de dinheiro nestes estabelecimentos.

Um pouco à frente, na mesma rua, uma bifurcação projeta uma pequena rampa em declive. Nesta rampa, encontramos um pequeno e simples restaurante que serve uma refeição do dia, composta de macarrão, arroz, feijão e um pedaço de frango. O movimento é grande no espaço pequeno e escuro, em que mesas e cadeiras de madeira dividem-se entre fregueses sentados e outros que se aglomeram no balcão, tomando alguns goles de cachaça acompanhados pelos torresmos no costumeiro tom de conversa. Em uma mesa de canto, uma família composta por um homem, perto dos trinta anos, sua jovem esposa e uma criança de colo, termina sua refeição. Percebe-se que são pessoas que habitam a área rural, como grande parte das outras que circulam pelo centro. Sentado lateralmente na cadeira, com um par de botas desgastadas, camisa de flanela

estampada e calça jeans com bastante tempo de uso, devora as carnes restantes dos ossos de frango que acompanham o prato, segurando-os pelos dedos engordurados. Na outra cadeira, a esposa em um simples vestido de algodão lilás, oferecendo o seio na amamentação do filho que parece adormecido, também termina seu prato de arroz, feijão e uma farofa. Seios, leite, farinha e grãos confundem nosso olhar. Ao lado do pequeno restaurante, compondo o mesmo espaço na descida da rua quase sem calçada, temos um açougue, do mesmo proprietário onde outros consumidores se abastecem.

Descendo à esquerda, em uma rua paralela à principal, em um largo avistamos a rodoviária da cidade. O movimento de pessoas é grande no ir e vir de malas rotas, sacos brancos de algodão, sacolas de diversos tipos e tamanhos que acompanham famílias inteiras, mães solitárias com filhos que se afastam e cachorros claros, que preguiçosamente circulam neste movimento acentuado. Nas duas simples plataformas de embarque e desembarque, dois ônibus velhos e empoeirados são municiados de carregamentos dos passageiros que deles se aproximam. Em um alto-falante inaudível, um locutor esforça-se em dar ordem ao caos pronunciado. No largo propriamente dito, caminhonetes de idades diversificadas, caminhões descarregando suas mercadorias, carros desordenados e cavaleiros com suas montarias circulam, dando um ar frenético ao ambiente. Neste espaço, a sensação que se tem é de que a velocidade das pessoas se altera frente ao movimento observado na rua principal, logo acima. Pessoas apressam-se em realizar as últimas compras no agitado comércio lateral, antes que se anunciem as partidas dos ônibus com destino a localidades perdidas como Três Barras, Milho Verde, Datas, Sabinópolis e Guanhães, entre outros. De alguma forma, aparentemente, o ônibus que se destina ou retorna a Diamantina, em melhores condições externas, segue mais lentamente seu processo de inchaço conforme as bagagens chegam. Nas plataformas, famílias inteiras formadas pelos que partem e os que se despedem, aglomeram-se, deixando rastro de crianças que correm em meio a sacolas de compras, cadelas curiosas e do cheiro de queijo curado e rapadura que se espalha pelo ambiente.

No largo com calçamento de pedras pequenas e desiguais, o ritmo se agiganta como se a cidade fosse se esvaziar em poucos minutos. Aqui, o tempo avança conforme os passos se aceleram, galgando degraus da condução, do estribo dos cavalos e das ladeiras de pedras que se espalham ao redor. Fora deste centro em convulsão, os passos e as conversas ganham o contorno nos detalhes das idosas que espreitam pelas janelas de vidros quadriculados. A cidade agora vive a expectativa da primeira noite do final de semana com a Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

3 – A NOITE ENCANTADA

Lufadas de vento atravessam as ruas escurecidas tornando a espera mais tenebrosa. E que espera é esta?

Em um início da noite de sexta-feira, última de

junho, nos posicionamos frente ao prédio da escola que nos foi indicado, aguardando a presença de um grupo. Era uma noite fria e estrelada, no final de uma rua mal iluminada, quando ouvimos batuques ao fundo entrecortados pelo espocar de fogos de artifício. Um alvoroço incontido estampa nos olhares da diminuta multidão que se aglomera junto à porta de entrada da escola, espalhando sua luminosidade pela rua desnivelada. Silhuetas indefinidas surgem no horizonte do calçamento de pedras pequenas e arredondadas (conhecida por "cabeça de negro"), que remontam ao século XVIII, e se aproximam no compasso de tambores, caixas, reco-recos e outros instrumentos que possuem sons semelhantes a contas de afoxé. As figuras aproximam-se vagarosamente, confundindo as sombras das casas com as dos corpos gigantes que parecem estáticos. Uma melodia é puxada por um cantador que lidera o grupo e é respondido pelos outros componentes em murmúrios, na repetição das últimas frases. Este elemento responsável pela condução possui uma movimentação acentuada, flutuando entre o restante do grupo, exaltando e incentivando a participação dos demais. Conhecido como *mestre*, por ser o puxador do grupo, bate em uma caixa quadrada, revestida por couro em ambos os lados (chamada tamborim por alguns deles, mas diferindo do tamborim convencional por apresentar o formato quadricular) ao mesmo tempo em que, com gestos largos, define a temperatura da apresentação, ditando seu ritmo, entoando a melodia de forma pronunciada e alta, melodia esta respondida pelos demais em um tom mais baixo, melancolicamente. Era o grupo que abria os festejos, o grupo dos *catopês*.

Quando falamos em *catopês* (*catopés*, segundo alguns autores ou *catupés* conforme a região), devemos nos aprofundar em seu significado para a festa e para a comunidade. Segundo Houaiss, a palavra *catopê* remete a *catupé*, sendo:

> "variedade de congo, antigamente ligado a festejos religiosos e, depois, ao carnaval, participante desta dança; dançante. " (HOUAISS, 2009, p. 424).

Ainda, segundo o mesmo autor, *carnaval* significa:

> "Período anual de festas profanas, originadas na Antiguidade e recuperadas pelo cristianismo, e que começava no dia de Reis (Epifania) e acabava na Quarta-Feira de Cinzas, às vésperas da Quaresma [Festejos populares provenientes de ritos e costumes pagãos, caracterizavam-se pela liberdade de expressão e movimento. " (HOUAISS, 2009, p. 407).

Se pensarmos no ambiente carnavalesco, veremos a presença do profano dentro do sacro. De fato, todas as manifestações que se seguiram nos levaram a este caminho, do encontro e enfrentamento contínuos, às vezes explícitos, às vezes velados. De qualquer forma, abordarei um pouco mais detidamente este aspecto em capítulos posteriores. Câmara Cascudo no verbete *catopé*, destaca:

> "modalidade de congo, geralmente sem enredo. É provável que, antigamente, estivesse ligado ao séquito

> dos festejos religiosos: novenário do orago, comemoração do Divino, de Nossa Senhora do Rosário e outros. Em Minas Gerais, é préstito dançante de negros, com função exibicional no carnaval. " (CASCUDO, 2001, p. 124).

De fato, quando pensamos no mito que envolve a festa em si, percebemos a importância deste grupo como principal condutor de todo o processo. De acordo com a mitologia que envolve a festa, Nossa Senhora do Rosário surge no distante mar. A própria visão de mar, neste contexto, adquire a condição de inacessibilidade, de algo esquecido, remoto, daquilo que foi um dia o espaço de felicidade e liberdade, a distante África que, agora, torna-se o inatingível. Talvez seja por isto, que a santa, em sua suspensa e imóvel aparição, embora possua poderes onipresentes, não se desloque por si própria em busca dos desventurados, mas no aguardo de portadores que sejam dignos e merecedores de sua celestial compaixão.

Primeiramente, Nossa Senhora do Rosário foi cortejada pelos *marujos*, grupo que em alguns festejos é identificado pelos brancos, mas, em outros, pelos mouros que acabaram invadindo a Península Ibérica. Ainda de acordo com Câmara Cascudo o termo se confunde com *fandango*, quando, neste verbete, afirma:

> "No Brasil, Fandango é o folguedo dos marujos ou Marujada, e ainda Chegança dos Marujos ou Barca em alguns estados do Norte e Nordeste. É sempre um auto popular, já tradicional na primeira década do século XIX, convergência de cantigas brasileiras e de xácaras portuguesas, distinguindo-se da Nau Catarineta. O Fandango ou Marujada é representado no ciclo do Natal, com personagens vestindo fardas de oficiais da Marinha e marinheiros, cantando e dançando ao som de instrumentos de corda. " (CASCUDO, 2001, p. 225).

Neste particular, possivelmente, a representação mourisca esteja ligada à influência da religião católica da região, uma vez que existe, neste auto, uma devoção fervorosa envolvida (no caso das festas do Serro e da comunidade de Milho Verde, subdistrito desta, a identificação mais usual é a dos brancos, embora algumas falas, em suas celebrações, façam referências aos mouros). Desta forma, apesar do convite para que se deslocasse ao continente em companhia destes, a santa recusa.

O segundo grupo que tenta convencer a santa a seguir este caminho, é o formado pelos *caboclos*. Segundo Câmara Cascudo, o grupo também é conhecido como *cabocolinhos* em algumas regiões, tratando-se de:

> "Grupos fantasiados de índios que percorrem as ruas das cidades do Nordeste do Brasil nos dias de Carnaval, tocando pequenas flautas e pífanos. " (CASCUDO, 2001, p. 89).

Nas festividades do Serro, porém, os *caboclos* utilizam apenas instrumentos de percussão acompanhados de um ou dois acordeões. Da mesma forma que a sucedida com os *marujos*, novamente a santa recusa o seu deslocamento.

Por fim, os *catopês*, representando os escravos sofridos, se oferecem para conduzi-la ao continente, no que são prontamente atendidos.

Este mito é conhecido e relatado pela quase totalidade dos membros ativos da festa, principalmente quando questionados sobre o que representa a devoção à santa. Mas no primeiro momento em que nos deparamos com os componentes dos *catopês*, não tínhamos tido, ainda, a oportunidade de ter acesso aos aspectos mais íntimos desta devoção. Na oportunidade em que observávamos o grupo pela primeira vez, o que chamava a atenção passava pelos aspectos físicos das vestimentas rotas, dos pés ornados por botinas com solados de borracha gasta pelo tempo, pelos dedos rachados e endurecidos denotando o árduo trabalho diurno, pelos chapéus que eram morada daquelas cabeças por anos, pelos olhares concentrados, expondo filetes avermelhados que teciam as córneas. Eram velhos, rapazes e meninos negros, todos negros, chacoalhando instrumentos inusitados, feitos de tampas metálicas de garrafa, reco-recos de madeira e tambores médios. O som permanecia, em batida dolente, acompanhado ao final pelos chocalhos, como seu próprio eco. O *mestre catopê* percorria as duas fileiras formadas, pelo seu interior. Em gestos que faziam os braços se soltarem em direção ao céu clareado pelas estrelas, seu canto recheado de vogais era puro sentimento, tendo como resposta, o murmúrio tímido dos outros membros do grupo. Em um dado momento, a um comando do *mestre*, o grupo interrompe seu cântico. O *mestre* se aproxima do saguão de entrada da escola, onde um altar, coberto por toalhas brancas de linho bordadas nas extremidades, é ladeado por dois tocheiros. Dos vasos de prata, flores amarelas se derramam pelo aparador. Atrás deste, uma longa e pesada cruz de prata está apoiada. Ao lado do altar, de forma austera, membros da *irmandade* do Rosário se distribuem no espaço que resta.

Célia Maia Borges, em seu trabalho sobre o tema, referindo-se à sua história, destaca sobre as *irmandades* que:

> "As instituições confraternais dos homens negros eram entidades orgânicas, moldadas por um corpo de normas, ao qual os respectivos irmãos se submetiam, sendo prescritas obrigações aos seus membros nos rituais, incluindo regras que interferiam em suas vidas cotidianas. Agir como irmão pressupunha um aprendizado cultural que, aos poucos, ia introjetando nele novos valores e novas representações coletivas. " (BORGES, 2005, p. 33).

Eram estes membros atuais que ainda conduziam a celebração. Taciturnos, estes senhores de óculos de metal prateado, bigodes ralos e olhares compenetrados, observam a aproximação do *mestre*, que se ajoelha em sinal de respeito e subordinação. Ao se levantar, pequenos apertos de mão e sorrisos disfarçados quebram um pouco da magia que envolve o ambiente. Lá fora, após os degraus que separam o altar da calçada estreita, o grupo *catopê* ainda continua na formação de duas fileiras. Neste momento, conversas internas entre os mais velhos dos componentes parecem acertar detalhes para que possam tentar adivinhar percursos, ajustar instrumentos ou afinação de cantigas. Os mais jovens

esboçam uma tentativa sutil de interação com o grupo de expectadores, curiosos pelo desenrolar. Embora permaneça em conversas reservadas com o restante dos membros da irmandade, o *mestre* ainda mantém o domínio sobre o grupo que permanece sob o seu comando. Olhares e sinais codificados são entendidos por alguns dos mais velhos, que estabelecem a coesão do grupo de uma maneira delegada pelo *mestre* principal. Gestos e alguns comandos são os caminhos de comunicação entre os demais membros. O público externo vive a expectativa do desenrolar dos acontecimentos. De uma maneira, não se identifica um planejamento antecipado dos passos seguintes: pelos retalhos de conversas e manifestações entre os membros ativos, intui-se que estes próximos momentos são definidos, em seus detalhes, ao sabor do ambiente emocional. Mais algumas palavras trocadas entre os partícipes e o *mestre* se dirige ao seu grupo, dando as últimas instruções pela manutenção da ordem. Os componentes se enfileiram, batidas de tambores sem um compasso certo atestam que o movimento retomará seu espaço. A um comando vocal, o grupo, novamente, inicia em um ritmo mais cadenciado. Com uma linha melódica dolente, quase em súplica, o *mestre* conduz expressivamente o grupo ainda estacionado defronte ao altar. Os membros da *irmandade*, formados por *mordomos* e *juízes* (que possuem atribuições específicas de conduzir preparativos, guarda da bandeira e fomentar as condições da organização da festa e das celebrações), retomam o ar compenetrado anterior. A cruz de prata encontra-se segura por um deles, que após um espaço de tempo não muito longo, segue o grupo *catopê* na cadência estabelecida pela percussão. Neste momento, o ritmo é mais forte, de marcha, de tal sorte que há dificuldade em acompanhar os passos largos e rápidos empreendido pelos participantes. Um pequeno grupo de pessoas e curiosos, principalmente crianças, segue rapidamente o trajeto. Fogos de artifício são novamente lançados, fazendo com que seu estrondo ecoe pelas montanhas e paredes que recobrem as ruas, disputando o alarde com o batuque que acelera.

No trajeto, ladeiras íngremes se apresentam, dificultando ainda mais o caminhar pelo calçamento irregular das minúsculas pedras escuras arredondadas. A iluminação fraca das ruas apertadas torna o cenário mágico e envolvente. De um determinado ângulo de visão do final da torrente humana que se forma, destaca-se a silhueta das pessoas que se misturam com suas próprias sombras, fazendo com que o sentimento seja de uma massa compacta formada por vultos, instrumentos, crianças, passos fortes e cães assustados. Uma manta ondulada que serve de leito a uma cruz escura no horizonte, conduzida ao sabor de sons reverberantes. Estes sons estalam nas paredes vizinhas, chamando pessoas que se debruçam nas janelas grossas de madeira e vidro, fazendo da massa que acompanha um exército que caminha resoluto, com destino e propósito definidos. Nossos pés, embora sintam a dificuldade da topografia, aguentam e seguem o cortejo que vai arregimentando novos adeptos pelo caminho. Ao longe, no final de uma das ladeiras intermináveis, outros sons e batuques começam a despontar conforme vamos avançando. A igreja do Rosário do Serro se aproxima.

Do alto da colina, em vielas que se bifurcam e se

unem posteriormente, ladeadas por paredes de pedras sobrepostas de onde se veem olhares fortuitos que acompanham a subida surge uma imagem de igreja em tons claros. Sua aparência não é elaborada, aparentando traços rústicos e sem elementos de arquitetura rebuscada. Pingentes de lâmpadas brancas cruzam o espaço da praça que antecede sua entrada. Nesta praça, aglomeram-se pessoas, enquanto outros grupos de dançantes aguardam nossa chegada produzindo ritmos e batuques diferenciados, misturados aos sons de melodia emanada por sanfonas. Ao adentrar no espaço*, catopês* confundem-se com *caboclos* e *marujos*, uma vez que não se encontram paramentados na oportunidade. O vento do inverno das montanhas ao redor, faz com que o som e o bater das caixas reverberem por todo perímetro, unindo a massa humana que acompanha o desenrolar. As duas sacadas de madeira verde musgo diminutas acima do frontão da igreja, carregam mais pessoas em seu lugar privilegiado como ponto de observação. Pernas e braços se confundem com as madeiras que se apoiam, dando ao conjunto um aspecto amorfo. Dentro da igreja, uma multidão se comprime, com braços e pernas de velhos em trajes simples, jovens de jaquetas e calças largas, senhoras penduradas em rosários que brilham ao sabor das luzes internas, formadas por alguns lustres de cristal que refletem em feixes. Crianças menores se misturam a pernas encostadas nos genuflexórios de madeira lisa. Há um movimento de expectativa formado pelo batuque que ecoa nas portas central e lateral. No cortejo externo, a cruz de prata caminha solene sobre a massa formada a seu redor, enquanto novos fogos de artifício anunciam a aproximação. Caminho para a parte interna da igreja, no meio do povo que se aglomera por todas as naves. No altar, membros da *irmandade* paramentados com suas opas brancas, posicionam-se junto ao pároco e à imagem de Nossa Senhora do Rosário que está assentada sobre um andor. Os olhares se direcionam ao som que penetra de fora, mas que agora caminha em direção à parte interna da igreja. Cabeças balançam buscando um melhor espaço para observar a entrada dos grupos que caminham até o meio da nave principal, entoando seu canto característico por um breve período, e se retiram na confusão das pessoas aglomeradas. O primeiro que executa este ritual é formado pelos *marujos* que, seguindo seu *mestre* armado com uma espada de metal reluzente, executa movimentos breves balançando o corpo que lembram o balanço do mar. É de impressionar que, no meio de tal confusão de pessoas, um grupo com um número considerável de componentes consiga adentrar, evoluir e se retirar de um espaço congestionado. Logo após, em um movimento ordenado, uma brecha se abre no meio da aglomeração e temos a entrada dos *caboclos*, que tem uma atuação mais acentuada e rápida em seus movimentos. Esta rapidez reflete, segundo informado por participantes do grupo, os movimentos do indígena indomado e livre. O som do acordeão repercute no teto alto da igreja, fazendo com que nosso olhar se afaste um pouco da imagem para uma extensão contemplativa católica. No altar, os representantes da *irmandade* e do clero aguardam pacientemente as apresentações dos grupos.

Chega o momento da entrada dos *catopês*, que dentre

todos, possuem a missão de conduzir a cruz ao altar. Os elementos da *irmandade* que acompanham e carregam a cruz, estão concentrados na empreitada. Olhares centrados e fixos, sobrancelhas cerradas, lábios retos e fechados, seguidos por movimentos da pele facial esporádicos, conduzem a tarefa determinada. O grupo formado pelos *catopês* é o que mais avança pela nave central, empurrando de perto a cruz que é levada. Em seu ritmo mais cadenciado, o *mestre* se enche de júbilo quando se aproxima da imagem de Nossa Senhora do Rosário. Ao pé do altar, três elementos de chapéu de palha, calças azuis claras e camisas brancas estão perfilados com seus instrumentos formados por dois pífaros de madeira e uma caixa de percussão, aguardando respeitosamente a entrada do grupo dançante. Estes elementos fazem parte da *caixa de assovios*, grupo importante na festa do Serro que acompanha, em muitas oportunidades, os *catopês*. Segundo Daniel Magalhães, em seu artigo sobre o grupo:

> "A Caixa de Assovios, dentro de suas atribuições, é o único grupo a atuar na manhã do sábado que abre os três dias principais de festividades, no Serro. É responsável pela condução da matina e dos cortejos e café da manhã nas seis casas de festeiros. " (MAGALHÃES, 2008, p .29).

Repentinamente, encerra-se a apresentação dos *catopês*, quando, na voz do *mestre*, ouve-se: "Viva Nossa Senhora do Rosário!" Seguido da resposta de todo grupo e assistentes: "Viva!"

Ao mesmo tempo em que respondem ao *mestre*, os integrantes agitam seus instrumentos, como se aplaudissem ao louvor proferido. Tem-se início à liturgia da missa, com o pároco que a conduz destacando o papel de Nossa Senhora do Rosário, como se procurasse resgatar a imagem da santa frente ao grupo dos *catopês*, que permanece ajoelhado na nave principal, tendo apenas um dos pés apoiado ao chão. Em uma análise dos sermões proferidos, temos a impressão de que, neste momento, a Igreja como instituição, tenta recuperar seu espaço dentro da celebração da festa, ao menos de uma maneira velada. Neste momento, o grupo *catopê* perfilado, aceita passivamente a passagem desta condução para a instituição católica. Nesta época, era comentário geral de que haveria a substituição do pároco atual em um próximo ano por outro oriundo de Goa, na Índia. Posteriormente, quando perguntado informalmente como ficaria a relação entre a Igreja e a festa, por conta de um temor generalizado de que o novo pároco pudesse não aceitar esta união estabelecida entre Igreja e os grupos festeiros dentro do ambiente sacro, tivemos como resposta do *mestre* dos *catopês* "...nós trocamos o padre mas a festa continua."

Estava claro, para nós, que o espaço da devoção não dependia de uma mediação humana, representada na figura do padre, entre a crença do povo da comunidade e a expressão do divino. O apego às questões deste zelo religioso penetrava em caminhos tortuosos de exemplos de graças atendidas, de curas milagrosas, de heranças seculares que eram maiores que qualquer alteração das tradições arraigadas, como observado no estudo de Célia Maia Borges:

"Em Minas, como no resto da Colônia, a força do santo

> na religiosidade dos crentes era abissal. Acreditavam no poder dos santos por eles terem passado pela terra e serem os mediadores entre o profano e o sagrado. À semelhança da Europa, havia uma hierarquia celeste: acima de todos Deus, o criador; abaixo, anjos e santos. Neste modelo, o papel de Nossa Senhora do Rosário para os confrades foi fundamental. Ainda que branca, assumia o papel de mediadora, pois era a protetora deles; por isso, integrava o universo católico dos negros. Em paralelo com os santos negros, ela compunha uma grande família na qual cada um detinha poderes diferenciados, solicitados em ocasiões distintas. " (BORGES, 2005, p. 159).

Sem dúvida, o que observamos em todas as entrevistas realizadas, ao perguntarmos sobre a devoção que sentiam pela santa, era de que a força que movia estava relacionada a aspectos de dádivas alcançadas no seio familiar. Não eram graças obtidas por desconhecidos, mas sempre histórias de próprias vidas, de familiares próximos e de esperanças. Da mesma forma, uma tradição carregava a crença, com a incrível sensação de que Nossa Senhora do Rosário poderia, em algum momento, caminhar fisicamente pelas ruas do Serro. Este era o sentimento que observávamos por toda igreja, nesta noite de início de uma festa que servia para atestar a representatividade dela no seio de uma sociedade extremamente heterogênea e com códigos próprios, como veríamos posteriormente.

Em um dos intervalos da missa, ouvem-se batidas cadenciadas de um único tambor. Sons de pífaros melodicamente tristes invadem as paredes da igreja, tornando os olhares baixos, pensativos e compenetrados. A caixa de assovio iniciava sua participação nos festejos. De um mestre condutor do grupo, escondido por um chapéu de palha claro, olhar sisudo e sobrancelhas cerradas, ouvimos como trinados de pássaros em lamento, de um tom que pouco varia. Todos os três membros do grupo aparentam olhares complacentes, como se a melodia fosse algo que devesse fluir naturalmente, com gestos medidos e vagarosos. Do som, uma calma reflexiva invade a alma de todos que pode alcançar. A luz ambiente parece perder força fazendo com que o som agudo dos pífaros acompanhado do ritmar triste do tambor, faça do silêncio sua companhia. Por alguns momentos, os integrantes do grupo caminham em círculos, olhares voltados ao teto de tábuas desgastadas com pinturas descoradas da igreja.

Quando observamos o altar, percebemos que além dos membros da *irmandade*, outras figuras esguias ali se posicionaram, destaques da própria sociedade como políticos e patronos da festa. No restante da igreja, a grande massa formada pelos habitantes que muito ou pouco caminharam até aquele espaço. Após o andamento das habituais liturgias, os *catopês* e a *caixa de assovios* se posicionam para se retirar do interior da igreja, formando filas, tocando suas melodias características, acompanhados pela grande massa, indo de encontro aos *marujos* e *caboclos*, na parte externa.

Lá fora, um pequeno palanque de madeira, em um dos lados da porta principal da igreja, começa a ser tomado por pessoas que fogem da grande multidão que se mistura aos dançantes. Em ruas laterais, luzes de barracas de comércio que se perdem de vista, crianças que se perdem de familiares,

dançantes jovens que aproveitaram o momento das celebrações internas no templo para um último trago no pequeno bar instalado próximo. É o momento dos grupos, ao comando dos *mestres* e *contramestres*, seus substitutos imediatos, se reorganizarem, resgatando elementos dispersos. O som dos batuques, em ritmos desarmônicos, ecoa pelas construções e montanhas delineadas na escuridão de luar brilhante. O clima do ambiente entra em pura efervescência. Velas incandescentes iluminam o espaço habitado pelos grupos. Surge um mastro longo, de madeira, carregado nos ombros por boa parte dos presentes. Caminham para a área mais central do grande largo defronte. Uma multidão se forma em volta dos grupos da festa, quase abafando a enorme mescla dos diferentes sons e ritmos de pífaros, caixas, agogôs, acordeões somados a cantos de vozes envelhecidas e joviais. Aos poucos, o grande mastro vai sendo erguido, tendo, na extremidade que alcançará a maior altura, uma caixa de madeira triangular, recoberta com a figura de Nossa Senhora do Rosário. Um êxtase penetra na multidão. Percebe-se que, nesta exaltação, como potência de sentimentos, poderíamos ter a celebração do regozijo, do devotamento ou da punição condenatória, em valores exatamente iguais.

Aqui, devemos dar espaço a Elias Canetti em suas reflexões sobre as massas:

> "A massa estanque ainda não está totalmente segura de sua unidade, razão pela qual se mantém quieta o maior tempo possível. Essa paciência, porém, tem seus limites. Uma descarga é, por fim, indispensável: sem ela, não se pode dizer se anteriormente havia ali, de fato, uma massa. O grito que, no passado, costumeiramente se ouvia nas execuções públicas, quando o carrasco erguia a cabeça do malfeitor, ou o grito como o que hoje se conhece das competições esportivas, é a voz da massa. De grande importância é a sua espontaneidade. Gritos ensaiados e repetidos a espaços regulares de tempo não constituem ainda um sinal de que a massa adquiriu vida própria. Eles deverão, por certo, conduzir a isto, mas podem ser exteriores, como os movimentos treinados de um destacamento militar. Já o grito espontâneo, impossível de ser previsto com exatidão pela massa, este é inequívoco, e seu efeito, gigantesco. Um tal grito pode dar expressão a afetos de toda sorte; que afetos são esses é algo que frequentemente importa menos do que sua força, diversidade e a liberdade de sua sucessão. São eles que conferem à massa o seu espaço psíquico. " (CANETTI, 1995, p.34).

Profusão de braços negros, mulatos e uns poucos brancos seguram e erguem fortemente o mastro à sua posição vertical. A mistura das velas e lâmpadas externas carrega de intensidade o ponto central do momento. A santa devotada alça os céus da comunidade e por lá permanecerá até o final dos festejos. Múltiplos fogos são acionados enquanto os grupos se afastam do mastro já fixado. Lampejos em verde, azul, ouro e alaranjados explodem na noite, em estouros que reverberam. Olhares atentos de bocas entreabertas se dirigem ao alto. Nesta hora, os humildes e abastados se igualam ao contemplar o céu iluminado e envolto pelo vapor que

domina. Crianças são alçadas em braços para pontos privilegiados, outras são contidas até o momento final. Na derradeira explosão, a multidão, aos poucos se dispersa.

4 – REFERÊNCIAS BIBLIOFRÁFICAS

ARAÚJO, Carlos Eduardo Moreira et al. *Cidades Negras*. São Paulo: Alameda, 2006.

BORGES, Célia Maia. *Escravos e Libertos nas Irmandades do Rosário*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

CANETTI, Elias. *Massa e Poder*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. São Paulo: Global, 2001.

_____ . *Made in Africa*. São Paulo: Global, 2008.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

MACHADO FILHO, *Aires da Mata. Arraial do Tijuco Cidade Diamantina*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1980.

_____ . *O Negro e o Garimpo em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1985.

MAGALHÃES, Daniel. *EMO QUÁ, UM VISSUNGO in Cantos Afro-descendentes Vissungos*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais – Edição Especial, 2008.

SAINT-HILAIRE, Auguste. *De Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2004.

SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1976.

VASCONCELOS, Diogo de. *História Média das Minas Gerais*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1999.